

A trajetória da ‘revista contemporânea dos arranha-céus’. Um estudo sobre *O Cruzeiro* na década de 50¹

Letícia Arantes JURY²

Goiamérico Felício Carneiro dos SANTOS³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

Resumo

O artigo tem como objetivo fazer um estudo da revista *O Cruzeiro* lançada em 1928, como resultado de mais uma demonstração de empreendedorismo de Assis Chateaubriand e que teve seu apogeu na década de 50. Centraremos foco nas características do jornalismo de revista – noticioso, analítico, identidade definida, periodicidade diferenciada, casamento perfeito entre texto e imagem – presentes nesta publicação que chegou a tiragem de 50 mil exemplares, distribuídos em todo país e no exterior. Em seguida, faremos uma abordagem sincrônica na história visando analisar as reportagens publicadas durante o suicídio de Getúlio Vargas, o turbulento governo de Café Filho e o início da Era JK. Literatura, Humor, Artigos e colunas femininas compõem a trajetória desta revista que publicou sua última edição em 1985.

Palavras-chave

Jornalismo de Revista; *O Cruzeiro*; Década de 50; Reportagens especiais

As particularidades do jornalismo de revista

Nilson Lage (2005) nos diz que a forma gráfica e o estilo dos magazines contêm propostas e enfoques próprios, que usualmente refletem uma dada época. Conforme estas premissas, tanto revista *Careta* quanto a revista *Vida Doméstica* seriam incompatíveis com o jornalismo de agora, ao contrário do que ocorre com os jornais, que atravessam diferentes períodos. Para corroborar a sua hipótese, Nilson Lage dá como exemplos as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, que tiveram apogeus nas décadas que seguiram a Segunda Guerra Mundial. “*O Cruzeiro* chegou a tirar (ou anunciar a tiragem) mais de 700 mil exemplares, em um país de 50 milhões de habitantes”. (LAGE, 2005, p. 147).

No Brasil, em *O Cruzeiro*, afora a crônica do Rio de Janeiro e de São Paulo – cidades que começavam a se agigantar – os assuntos

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016. ² Mestranda em Comunicação da Linha de Pesquisa Mídia e Cultura da UFG. E-mail: leticijury@gmail.com

³ Professor Associado III, integra o PPGCOM/UFG (LP: Mídia e cultura) e o PPGIDH/ UFG (LP: Práticas e representações sociais). E-mail: goiamerico@uol.com.br

mais frequentes eram exposições de gado, índios e a selva que repórteres visitavam, sempre reverenciados e autorreferentes; em *Manchete*, a penetração no Oeste e as grandes obras da modernização do país. (LAGE, 2005, p. 147).

Daisi Vogel (2013) apresenta as especificidades do meio revista em relação aos jornais. Assim, ela argumenta que a revista apresenta características que a distinguem do jornal, sendo que a periodicidade é um dos atributos centrais de diferenciação, pois não existem revistas diárias. Como prática jornalística, a revista também é diferenciada, desde a formulação da pauta ao tempo de apuração e ao tratamento da linguagem e do desenho de página.

Para a autora, as revistas emblemizam as memórias que elas atravessam, expondo as transformações do tempo que documentam bem como, suas eventuais posições anacrônicas, isto é contra seu próprio tempo. “Assim pode-se ler revistas como quem rastreia pegadas da memória, como quem toma posição diante do contemporâneo”. (VOGEL, 2013, p. 25).

Frederico de Mello B. Tavares e Reges Schwaab (2013) nos mostram que passados dois séculos de seu aparecimento no Brasil e pelo menos 350 anos da publicação do primeiro número de que se tem notícia no mundo, a revista impressa se configurou como produto jornalístico distinto, bem como adquiriu e reforçou marcas particulares que lhe proporcionam um lugar diferenciado no rol de opções informativas disponíveis no âmbito midiático.

Isto se deve, de acordo com os autores, em decorrência do aspecto noticioso analítico e interpretativo, sua identidade detém marcas bem definidas, orientadas tanto por uma periodicidade diferenciada no cenário da mídia impressa quanto por uma condição material e discursiva específica, que dialoga com o contexto do qual ela é parte constituinte. (2013, p. 27).

Com o casamento perfeito entre texto e imagem, aliado ao olhar sobre as variedades do mundo e suas diferentes audiências, as magazines consolidam-se, demarcando um lugar próprio em relação ao jornalismo e seu universo e estabelecendo, para tal lugar, uma maneira própria (jornalística e midiática) de dizer sobre a sociedade e com ela se relacionar. A revista, vale dizer, surge em um contexto amador, e seu amadurecimento e profissionalização seguiram não apenas uma evolução da própria indústria da mídia, mas também o diálogo social e cultural que perpassa essa dinâmica evolutiva. Em sua origem, as magazines traziam laços estreitos

com a literatura, característica que as acompanhou até o início do século XX. Aos poucos, a constituição de um mercado editorial e a força da indústria cultural expandiram as diferenças em relação a outros periódicos impressos e impulsionaram o afinamento das peculiaridades de linguagem e de circulação. (TAVARES & SCHWAAB, 2013, p. 29).

Os autores citam *O Cruzeiro*, a revista que abriu caminho para outros títulos marcantes, como a *Diretrizes*, que circulou entre 1938 e 1944, criação de Samuel Wainer com foco em investigação jornalística e crítica variada. A *Manchete* conforme Tavares e Schwaab (2013) criada pelo grupo Bloch (1952) está inscrita nessa corrente e se expande no contexto da concorrência visual trazido pela televisão, sendo seguida pela *Fatos e Fotos*, que entrou em circulação em 1961.

Maria Celeste Mira (1999) nos diz que a receita bem temperada da *Revista Semana* viera para ficar e Carlos Malheiros Dias, um dos seus proprietários e diretor editorial durante 20 anos, seria convidado por Assis Chateaubriand para integrar a equipe que colocou em circulação *O Cruzeiro*. Segundo ela, em sua primeira fase, as principais características editoriais eram as grandes reportagens fotográficas, o muito de literário, conservando-se espaço para contos e crônicas de autores brasileiros e empregando-se escritores, teatrólogos e cineastas. (1999, p. 23).

Márcia Benetti (2013) salienta que o jornalismo de revista é um discurso e um modo de conhecimento segmentado por público e por interesses; é periódico; é durável e colecionável; tem características materiais e gráficas distintas dos demais impressos; exige uma marcante identidade visual; permite diferentes estilos de textos; recorre fortemente à sinestesia; estabelece uma relação direta com o leitor; trata de um leque amplo de temáticas e privilegia os temas de longa duração; está subordinado a interesses econômicos, institucionais e editoriais; institui uma ordem hermenêutica do mundo; estabelece o que julga ser contemporâneo e adequado; indica modos de vivenciar o presente; define parâmetros de normalidade e de desvio; contribui para formar a opinião e o gosto; trabalha com uma ontologia das emoções. (2013, p. 55).

Complexo, diversificado e especializado, o jornalismo de revista engendra olhares e percepções sobre o mundo, sobre si e sobre o outro, e é nessa articulação que reside seu amplo e fecundo poder. (BENETTI, 2013, p. 55).

Para Felipe Boff (2013), se o jornal inventou o jornalismo, pode-se dizer que a revista elevou o jornalismo; primeiro com sua riqueza gráfica e, logo, fotográfica, desvelando um mundo de imagens até então apenas imaginado depois com seu texto denso, preenchendo vazios informativos e ajudando a firmar a reportagem como gênero. (2013, p. 190). Na história do jornalismo brasileiro, jornal e revista surgiram praticamente ao mesmo tempo, mas com características distintas: “o jornal era político, crítico, opinativo; a revista era cultural, leve e literária”. (BOFF, 2013, p.190).

Conforme o autor, nas revistas, a opinião, que inicialmente se restringia às críticas literárias e resenhas culturais, avançou para outros campos, como, por exemplo, a política, ganhando novos contornos. O que a revista fez, em um primeiro momento, foi dar graça a opinião. Amparada em melhores condições de impressão e com a vantagem de ter periodicidade mais dilatada que permite maiores cuidados gráficos, passou a exercê-la com ilustrações, charges e caricaturas que estampavam capas de publicações brasileiras já na segunda metade do século XIX.

“A mais moderna revista brasileira”

Após contextualizar as principais características do jornalismo em revistas, passamos para o nosso objeto de estudo, *O Cruzeiro*. Em uma imersão na história, voltemos à década de 20, retratada por Fernando Morais (1994), em *Chatô: o rei do Brasil*. Chateaubriand - são palavras do autor - frustrado com a malograda compra do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, resolveu ousar de novo e procura um produto que pudesse ser distribuído em todo país.

Por meio de amigos soube que o jornalista português Carlos Malheiros Dias planejava lançar uma revista de circulação nacional, mas faltava dinheiro. Ao tomar conhecimento, Chateaubriand quis saber quanto custaria ressuscitar o projeto, lançar a revista e indenizar Dias pelos gastos já realizados. Como narra Morais (1994), não era tanto dinheiro, já que *O Cruzeiro* não dispunha de gráfica própria, e assim, o investimento inicial não era nenhum despropósito: com quinhentos contos de réis ele assumiria o controle integral da empresa que formalmente já existia – e que, ironicamente, mesmo não sendo dona de uma única linotipo, chamava-se Empresas Gráfica Cruzeiro S/A. (1994, p.177).

Para viabilizar o empreendimento, Chateaubriand foi até o então ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, e apresentou a revista: papel da melhor qualidade, repleta de

fotografias, contaria com os melhores articulistas e escritores do Brasil e do exterior, e assinaria todos os serviços estrangeiros de artigos e fotografias. Impressa em quatro cores pelo sistema de rotogravura, a revista teria de ser rodada em Buenos Aires, já que a qualidade das gráficas do Brasil não era adequada. “E tinha mais: *Cruzeiro* seria semanal, com tiragem de 50 mil exemplares (e não os 27 mil imaginados por Malheiros), que circularia em todas as capitais e principais cidades do Brasil”. (MORAIS, 1994, p. 178).

Os olhos de Vargas faiscavam. Sem qualquer protesto de Chateaubriand, acendeu um robusto Santa Damiana e foi direto ao que interessava:

- De quanto tu precisas para pôr a revista nas ruas em 12 meses?

- Com 250 contos eu assumo imediatamente o controle da empresa que já está montada. O resto do dinheiro eu arranco nas primeiras semanas de circulação. Tenho promessas de contatos de publicidade com a Antártica, a Sul-América de Seguros, a fábrica de vitrolas e rádios Victor e a Estamparia América Fabril. Com a revista nas ruas, triplico isso em dois dias. Eu vou vender pessoalmente os anúncios nobres, impressos em cores.

Getúlio caminhou pela sala e sorriu:

- Tu és um homem de sorte. Daqui meia hora vou receber em audiência o banqueiro Antônio Mostardeiro, cum compadre do Sul que nomeei presidente do Banco do Brasil. Ele vai te arranjar esses 250 contos. E esse dinheiro não vai ser do Banco do Brasil. Mostardeiro vai emprestar dinheiro do Banco da Província, que é dele. (MORAIS, 1994, p. 178).

No final de 1928, Chateaubriand lançava sua revista *Cruzeiro*. Como narra Moraes (1994), no final da tarde de 5 de dezembro, quando a avenida Rio Branco fervilhava de gente que deixava o trabalho ou saía as ruas para as primeiras compras de Natal, 4 milhões de folhetos – três vezes o número total de habitantes do Rio – foram atirados do alto dos prédios sobre a cabeça dos passantes. Os volantes anunciavam o breve aparecimento de uma revista contemporânea dos arranha-céus, uma revista semanal colorida que tudo sabe, que tudo vê. “Muitos dos panfletos traziam reproduzidos, no verso, anúncios que seriam veiculados na nova publicação”. (MORAIS, 1994, p. 187).

No dia 10 de dezembro, a revista *Cruzeiro* estava nas bancas de Belém a Porto Alegre, simultaneamente, pois além de usar caminhões, barcos e trens, Chateaubriand fretou um bimotor. “Como se quisesse esbanjar competência, até nos principais pontos-de-venda de Buenos Aires e Montevideú havia repartes da revista – da mesma edição em português que circulava no Brasil”. (MORAIS, 1994, p. 187).

Na capa da primeira edição, em fundo azul emoldurado por uma tarja prateada, publicou-se um desenho hiper-realista, como define Morais (1994) do rosto de uma moça com ar *vamp*, unhas cintilantes, sombra nos olhos e boquinha pintada, como se soprasse um beijo para seus 50 mil leitores, sobre ela as cinco estrelas de prata do Cruzeiro do Sul que havia inspirado o nome da revista.

Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, o editorial da primeira edição, ressalta a importância da Revista: “depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira”. O texto prossegue: “nossas irmãs mais velhas nasceram por entre as demolições do Rio colonial, através de cujos escombros a civilização traçou a reta da avenida Rio Branco, uma reta entre o passado e futuro”.

Cruzeiro encontra já, ao nascer, o arranha céu, a radiotelegrafia e o correio aéreo: o esboço de um mundo novo no Novo Mundo. Seu nome é da constelação que há milhões incontáveis de anos, cintilam completamente imóveis no céu austral e o da nova moeda que ressuscitará a circulação do ouro. Nome de luz e de opulência, idealista e realístico, sinônimo de Brasil na linguagem da poesia e dos símbolos. (CRUZEIRO, 1928, p. 3).

No editorial, definições sobre o jornalismo de revista: “a função da revista ainda não foi, entre nós, suficientemente esclarecida e compreendida”. (1928, p.3). Em um país da extensão do Brasil, “a revista reúne um complexo de possibilidades que, em certo sentido, rivalizam ou ultrapassam as do jornal”. (1928, p. 3). “O jornal é a própria vida. A revista é já um compendio da vida. A sua circulação não está confinada a uma área traçada por um compasso cujo ponteiro móvel raro pode exceder um círculo de raio

(...) superior a distância máxima percorrida em 24 horas. A revista circula desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, infiltra-se por municípios, utiliza da sua expansão os meios de condução terrestre, marítima, via aérea, entra e permanece nos lares, leitura da família e da vizinhança. A revista é o estado intermédio entre o jornal e o livro. (CRUZEIRO, 1928, p. 3).

O Editorial segue com mais elogios ao jornalismo de revista: “o campo de ação da revista é mais vasto”, um jornal pode ser órgão de um partido, uma facção ou doutrina, enquanto a revista “é um instrumento de educação e cultura”; “a revista é sua expressão educativa”; “uma revista deve ser o espelho leal onde se reflete a vida em seus aspectos

edificantes, atraentes e instrutivos. Uma revista deverá ser em tudo, um escola de bom gosto”. (1928, p. 3).

Na primeira edição da revista, a matéria ‘Desastre de Aviação na Praia Vermelha’, trazia a notícia da morte do tenente Roberto Drummond da Aviação Militar. “O serviço fotográfico de *Cruzeiro* apresenta nesta página vários flagrantes do doloroso acontecimento vendo além dos retratos dos dois aviadores” (1928, p. 6) de forma bastante ilustrada com fotos da aeronave, dos pilotos, do acidente.

Nas páginas seguintes, o destaque é para o Box e a corrida de cavalos, fotos grandes e legendas; imagens de bailes e festas, além de homenagens. Nas páginas 53 e 54, a coluna ‘Dona da Sociedade’, assinada por Peregrino Júnior. Na página 55, como não poderia ser diferente, ‘A recepção da Senhora Getúlio Vargas’, com fotos do evento e a notícia: “Dois aspectos da recepção no palácio presidencial de Porto Alegre. Ao centro, ao alto, o presidente do Estado e a senhor Getúlio Vargas, vendo-se a esquerda do presidente, o poeta Vargas Neto”. (1928, p. 55).

A caricatura ganhou as páginas daquela primeira edição, a 13 e 14, com críticas aos costumes da época. Nas páginas 17 e 18, reportagem especial com o título ‘A múmia de Lenine’; nas páginas 21 e 22: “Bailarinas de nossos theatros: Alice Spletzer”. E na página 22, uma reportagem fotográfica inédita (segunda a revista): As bandeirantes acampadas em Itaipava. “*Cruzeiro* conseguiu reunir nestas páginas a reportagem fotográfica inédita do primeiro acampamento de bandeirantes realizado no Brasil”.

Na página 25, uma matéria futurista: “A era das forças hydraulicas. Uma visão do ano 2000”, além de matérias relacionadas ao futuro do Rio de Janeiro. Na página 44, o lançamento do concurso de fotografia enquanto outras falam sobre concurso de beleza; na página 52 a coluna Carta de Mulher e na 59, ‘As finanças de nossos leitores’; na página 61, “O contador dos diamantes. Contos de Affonso Arinos”. Uma revista, de intenso impacto visual e com anúncios em praticamente todas as páginas.

Accioly Neto (1998) em *O Império de papel* relata que na fase inicial, *Cruzeiro* foi marcada pelo que ele denomina de “luxo editorial jamais visto no Brasil” (1998, p. 37). No conteúdo trazia trabalhos de colaboradores, como Gustavo Barroso, Menotti del Pichia, Viriato Correa, Manuel Bandeira, Humberto de Campos, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade. As ilustrações a cores e as excelentes reproduções tinham as assinaturas de Carlos e Rodolpho Chamberand, Henrique Cavaleiro, Emiliano Di Cavalcanti, Oswaldo Teixeira e

outros; contava com o mundanismo de Vida Fútil de Peregrino Júnior, Gilberto Trompowski, Martine Poincaré; a coluna Modas, com correspondências enviada de Paris, mostrando com exclusividade os principais desfiles dos melhores costureiros franceses; e ainda, seções sobre cinema, rádio e teatro.

Conforme o autor, jamais houvera em toda a América do Sul uma publicação com tal “apuro gráfico”. “Com enorme tiragem e comparado a *The Saturday Evening Post* e ao *Ladies’ Home Journal*, dos Estados Unidos, *Cruzeiro* inova também no conteúdo editorial, abrangendo enorme diversidade de assuntos”. (1998, p. 37). Durante alguns anos, a revista esteve a frente de todas as publicações do gênero no Brasil. “Era colecionada em volumes encadernados e todos os dias filas se formavam à porta da sede na Rua Buenos Aires, de pessoas interessadas em comprar exemplares atrasados”.(NETO, 1998, p. 38).

Relata Netto (1998) que quando a revista atingiu sua fase de maior sucesso, era eclética, para um público diversificado, para todas as classes sociais e com matérias que agradava homens e mulheres. “Num país com milhões de analfabetos, o apogeu da revista foi o que se chamou de milagre editorial: com tiragem de cerca de 850 mil exemplares circulando em território nacional – imaginando que cada exemplar seria lido

(...) por cinco pessoas – que o *O Cruzeiro* passaria pelas mãos de nada menos que quatro milhões de leitores a cada semana, espalhados por oito milhões de quilômetros quadrados. Estes números são ainda mais impressionantes se pensarmos que nos anos 50, apogeu da revista, a população do Brasil mal passava dos 50 milhões de habitantes. Seria o mesmo que uma revista que vendesse hoje 3.000.000 de exemplares semanais. Ao atingir sua terceira década, *O Cruzeiro* podia ser definido como uma revista que tinha de tudo para todos. Sua concepção gráfica e editorial chegara quase à perfeição, podendo ser comparada às melhores revistas do mundo. Mas seu feitio era *sui generis*, por uma característica original, que era de não ter princípio e nem fim: ou seja, podia ser lida a partir de qualquer página, inclusive da última. Era uma revista de cerca de cem páginas, com publicidade distribuída à base de 15 a 20 por cento do espaço existentes (fora as três capas coloridas e impressas em papel *couche*. Estas, aliás, eram vendidas com pelo menos um ano de antecedência. (NETTO, 1998, p. 124).

Muza Clara Chaves Velasquez aborda em seu artigo *O Cruzeiro* as questões políticas a que a revista estava em volta. Se no início para viabilizar o projeto, Getúlio Vargas era um aliado, com o passar dos anos, esta relação se perdeu. Conforme a autora, Assis Chateaubriand colocou toda a sua estrutura de imprensa a favor de Vargas nas

Eleições de 1929. Instaurado o Governo Provisório, *O Cruzeiro* definiu o movimento, em editorial da edição de 8 de novembro de 1930, como a “Revolução triunfante”.

Como nos relata Velasquez, a capa daquela edição não deixou qualquer dúvida sobre o apoio ao Governo Provisório; trazia estampada uma foto de Getúlio Vargas e a manchete “Um sorriso que promete a vitória”. Em matéria no corpo da revista, afirmou-se que “as forças armadas e a população do Rio de Janeiro restauraram a paz do Brasil”. (VELASQUEZ, p. 4). O sinal mais evidente do tom triunfalista da revista foi dado, na mesma edição de 8 de novembro de 1930, pela mudança na numeração de *O Cruzeiro*. Aquele passou a ser o número 1 (apesar do ano III) da revista, evidenciando que, como o país, “*O Cruzeiro* também renascia com a Revolução”. (VELASQUEZ, p. 4).

No final do ano, *O Cruzeiro* lançou uma edição especial: “A revolução nacional: documentos para a história”, onde publicou o seguinte juízo: “A grande revolução, que se ultimou pelo triunfo estrondoso do candidato da Aliança Liberal, teve na eleição presidencial de março o seu prólogo combativo e sua gênese vitoriosa.” (VELASQUEZ, p. 4).

A harmonia entre o Governo Provisório de Vargas e os órgãos de imprensa de Assis Chateaubriand não durou muito. Ligando-se ao grupo de Lindolfo Collor, João Batista Luzardo e Raul Pilla, Chateaubriand passou a referir-se, em fins de 1931, àquela fase do governo Vargas como o início de uma ditadura, engrossando assim o coro dos que defendiam uma rápida reconstitucionalização do país. O *Cruzeiro*, apesar de seu perfil dominante de revista de variedades, voltou a ganhar um tom de comprometimento mais direto com a política, tornando-se em 1932 um veículo da propaganda da reconstitucionalização. Assim, transformou-se rapidamente, cobrindo semanalmente os atos cotidianos do governo e os fatos da conjuntura política. A revista de costumes, voltada para os problemas da família e do lar, abriu espaço ao semanário ágil e politizado. Pelo apoio à Revolução Constitucionalista de 1932, Assis Chateaubriand teve sua deportação decretada. Escapando, permaneceu vários meses refugiado no interior do país. Os desdobramentos da luta em São Paulo foram acompanhados pela revista, apesar de forte censura. No final do ano, *O Cruzeiro* saiu de circulação por um mês, sob pressão do governo. Durante a ausência de Chateaubriand, a tiragem da revista caiu para 20 mil exemplares. Com a instalação da Assembleia Constituinte em novembro de 1933, o proprietário de *O Cruzeiro* retornou à cena pública e retomou o controle de *O Jornal* (que havia sido confiscado pelo governo em 1932). Nessa época, Assis Chateaubriand reconciliou-se com Vargas. A partir daí, e durante toda a década de 1930, novos esforços foram aplicados para o revigoramento de seus jornais e principalmente de *O Cruzeiro*.

Como nos diz Velasquez, em 1937, Assis Chateaubriand esteve novamente na oposição a Getúlio Vargas, apoiando a candidatura de Armando Sales à presidência nas eleições previstas para janeiro de 1938. Porém, a decretação do Estado Novo alterou novamente o relacionamento de Chateaubriand e seus órgãos de imprensa, com o governo. Adaptando-se à nova realidade política, *O Cruzeiro* abriu suas páginas à divulgação dos feitos de Vargas e do regime ditatorial, transformando-se em mais um veículo a serviço da propaganda do Estado Novo.

A autora narra ainda que em 1945, Chateaubriand e sua imprensa apoiaram a redemocratização do país e atacaram Getúlio Vargas. A cobertura da deposição de Vargas, em outubro de 1945, ganhou destaque em *O Cruzeiro*, contando com reportagem de Manzon-Nasser sobre o último dia do presidente no Catete. Na campanha eleitoral, Chateaubriand apoiou o candidato da União Democrática Nacional (UDN), brigadeiro Eduardo Gomes, com anúncios publicados gratuitamente na revista e nos jornais da rede dos Diários. Ainda assim, as referências ao candidato do Partido Social Democrático (PSD), o general Dutra, foram sempre elogiosas. “Com a vitória de Dutra, e sua posse, em janeiro de 1946, os órgãos dos Diários passaram a apoiar o novo governo, sob o argumento da conciliação nacional”. (VELASQUEZ, p. 6).

Entre 1959 e 1961, a revista entrou numa fase de decadência. A crise financeira sofrida pela cadeia dos Diários Associados começou a refletir-se em *O Cruzeiro*, que passou a economizar na produção, substituindo as grandes reportagens por matérias pagas, cada vez mais frequentes e visíveis. Os primeiros a deixar a revista foram justamente aqueles que estiveram por trás de sua ascensão 15 anos antes. Após desavenças frequentes com os novos administradores das empresas jornalísticas de Chateaubriand, Freddy Chateaubriand deixou a revista para trabalhar em jornais dos Diários e Jean Manzon demitiu-se, passando a trabalhar para Manchete, a maior concorrente de *O Cruzeiro*, criada por Adolfo Bloch. Mais de 15 dos principais jornalistas da revista demitiram-se ou foram mandados embora nesta fase. A queda na qualidade da revista refletiu-se na vendagem. *O Cruzeiro* enfrentava também problemas de forma. Para Nadja Peregrino, o nó do problema encontrava-se na “incapacidade de renovação do gênero jornalístico de *O Cruzeiro*, petrificado em formas anteriores que não surtiam efeito na década de 60”, principalmente com o advento da TV. (VELASQUEZ, p. 9).

1.2 Recorte histórico: *O Cruzeiro* na década de 50

Para o desenvolvimento deste artigo nos valem de uma pesquisa realizada a partir de fontes primárias disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nesse

sentido, iniciamos com a edição do dia 25 de novembro de 1958, que comemorava os 30 anos da revista. Na capa, várias capas publicadas ao longo das últimas três décadas. O Sumário, na página sete, em decorrência da quantidade de anúncios (habitualmente era publicada página 3), com uma nova diagramação e a frase “A maior e melhor revista da América Latina”, na parte superior da página, ao lado de um selo comemorativo.

Como reportagens especiais, estavam: “João XXIII”, com uma foto e legenda: “O Cruzeiro encerra com a coroação de João XXIII, a série de importantes reportagens feitas na cidade do Vaticano. É um bom trabalho jornalístico de nossos enviados especiais: Jorge Ferreira, Henri Ballot e Eugênio Silva” (O CRUZEIRO, 1958, p. 7), o que demonstra o prestígio da publicação de acompanhar uma notícia internacional de tamanha importância, levando em consideração a hegemonia da igreja católica na época.

Ainda no sumário, mais três reportagens em destaque com fotos: ‘Lott, sem farda’, sobre a visita do general à Paris, ao lado da esposa; ‘Santa’, a história de Maria Goreti; e ‘JK’, uma entrevista com o então presidente da República, em que ele trata de “temas da vida nacional, desde Brasília à sucessão presidencial, passando pelo affaire de sua reeleição ao governo do país”. (O CRUZEIRO, 1958, p. 7).

Como não poderia deixar de ser o editorial intitulado de ‘Conversa com o leitor’ ressaltou a trajetória da revista ao longo das três décadas. “*O Cruzeiro*, neste mês de novembro, atravessa as fronteiras de uma belíssima idade: 30 anos. Nasceu de um sonho: o desejo de dar ao Rio de Janeiro uma publicação moderna e dinâmica” (...)

(...) O sonho foi realizado. Mais do que isso, foi ampliado. O Cruzeiro de 1958 é sem falsa modéstia, uma revista realmente internacional. Um semanário que fala para milhões de leitores. Do velho Cruzeiro de 1928 ficou apenas a alma, que tem sido a nossa grande força. A alma e um programa. (...) Durante todo este largo espaço de tempo, que vai do primeiro arranha-céu carioca à primeira lua artificial do século, temos sido fiéis ao roteiro traçado pela pena brilhante de Malheiro Dias. Como a vida, apenas mudamos de fisionomia. Mas a alma continua a mesma dos grandes dias de 1928. Ao contrário das coisas efêmeras, o Cruzeiro atravessa a fronteira dos 30 anos mais jovem do que nunca. Adquiriu o gosto das grandes aventuras. É por isso mesmo, uma revista com a boa marca internacional. Um espelho leal onde se reflete a vida nos seus aspectos edificantes. (O CRUZEIRO, 1958, p. 6).

A reportagem sobre os 30 anos, nos fornece subsídios para entender a publicação na década de 50. Na legenda referente à capa da revista: “30 anos de vida refletindo o Brasil, vida e povo”, demonstrava a linha editorial da publicação que tinha como objetivo retratar as características, sociais, econômicas, políticas e, sobretudo culturais do país. No texto, mais informações sobre o perfil da revista:

Carioca de berço, regional por tanto, tinha ela, contudo, uma vocação nacional que haveria de cumprir-se integralmente na vigilância e no carinho com que vem acompanhando o dia-a-dia deste país em busca do seu destino. Trinta anos de Brasil, trinta anos de vida que a revista *O Cruzeiro* já testemunhou e os tem guardados numa coleção de alegria, conquistas, apreensões, glórias e esperanças. Tinha cinquenta mil exemplares quando nasceu, número que por si atestava um êxito que a própria história da imprensa brasileira reconhece e destaca ao dizer que a Revista *Cruzeiro* (hoje *O Cruzeiro*) veio a luz com a força de uma revolução na técnica e no espírito do jornalismo da época. Trazia, com efeito, pela linguagem da fotografia e pelo dinamismo da apresentação gráfica, a semente de um novo estilo que viria libertar a imprensa doméstica de uma rígida obediência à tradição das escolas europeias, particularmente a francesa. (O CRUZEIRO, 1958, p.35).

Observamos nos textos publicados durante as comemorações, que a proposta da revista não era apenas informar e sim ser “amigo e aliado do leitor”, como nos diz a matéria ‘Retrato brasileiro de 30 anos: a geração que nasceu e cresceu com *O Cruzeiro*’, “dessa aliança nasceu uma grande revista e apareceu uma geração que tem deixado a marca vigorosa de sua personalidade nos caminhos mais difíceis da inteligência humana, desde a ciência à ficção, desde o jornalismo às artes”. (O CRUZEIRO, 1958, p.44).

Ao pesquisar as edições da revista ao longo da década de 50, para este artigo, buscamos traçar seu perfil, organização editorial, estilo de texto, modo de produção das reportagens, as pautas, os enfoques, o espaço para a literatura, a opinião, o cinema, as colunas femininas, os amplos espaços publicitários, dentre outros aspectos, como a própria contribuição para o fortalecimento do jornalismo de revista no país.

Em termos gerais, observamos que *O Cruzeiro* era segmentada nas seguintes editoriais: ‘Artigos’, em que na maioria das edições assinavam, Rachel de Queiroz, Eunice Veiga, J. Rego Costa, Austregesilo de Athayde, Genolino Amado, Drew Pearson, Gilberto Freyre, e outros. As ‘Reportagens’, que eram distribuídas ao longo da revista, e geralmente

assinadas por David Nasser, José Amádio, Indalício Wanderley, Eduardo Graco, Gustavo Barroso, Badará Braga, para citar alguns.

Na editoria Seções, a coluna ‘Conversa com o leitor’, ‘Opinião do Leitor’, ‘Um fato em foco’, Cinelândia. E a partir de 1954, as notícias de ‘Política’ passaram a ser postadas neste espaço, pois até então elas eram publicadas junto as reportagens. Além destas, a revista era segmentada ainda em Humorismo, com as famosas colunas ‘Amigo da Onça’, de Péricles, e ‘Pif-Paf’, de Vão Gogo, com amplo destaque para charges e ilustrações; ‘Contos e Romances’, onde dali saíram livros e escritores; ‘Cinema’, ‘Figurinos’ e ‘Assuntos femininos’, sendo nesta última as colunas ‘De mulher para mulher’, de Maria Tereza, ‘Elegância e Beleza’, de Elza Marzullo e ‘Lar, Doce Lar’ de Helena Sangirardi.

As reportagens, no início da década de 50, já que com o passar dos anos isto foi-se alterando, eram na maioria das vezes descritivas, títulos e fotos grandes, textos curtos, e tratavam de personalidades, destacavam regiões do país ou se referia a um fato de grande repercussão nacional e internacional, a exemplo de ‘O paraíso das garças no Pantanal’, de José Medeiros, e ‘Os modestos campeões do mundo’ de Josué Guimarães e Ed Keffel, na edição de 28 de outubro de 1950. Ainda nesta edição, uma reportagem especial sobre a morte de Líbero Badaró. Era possível observar a busca por temas pouco repercutidos no noticiário tradicional, o que de fato é uma característica do jornalismo de revista. Sendo assim podemos resumir como reportagens criativas e, na maioria das vezes, de temas inusitados.

Notícias de política, como ‘Os homens de Vargas’, de José Amádio e Jean Mazon, na edição do dia 4 de novembro de 1950, seguida de matérias de variedades como ‘Confusão no Jiu-Jitsu’ de Luciano Carneiro, ‘Chapéus de Paris’ de Alceu Pena e Ronchen. E as grandes reportagens de David Nasser e Jean Mazon, como ‘O Paxá dos cadillacs’, de 18 de novembro de 1950; ‘A lenda maravilhosa do Eldorado’, de Gustavo Barroso; e ‘Bonitões num campeonato mundial’, de Mário Cantuária. A marca da revista, extensa, em média com mais de cem páginas, a cada edição, embora este número não fosse fixo, demonstra a diversidade de assuntos.

Reportagens internacionais ou que destacavam personalidades históricas, em torno a ‘Um escândalo de Dom Pedro II em Portugal’, de Gustavo Barroso, publicada em novembro de 1950; e ‘A princesa Margareth dos Estados Unidos’, 10 de novembro de 1951; ou ‘A vida íntima de Eva Perón’, em 20 de janeiro de 1951; ‘A verdade sobre a

aviação soviética’ publicada no dia 31 de março de 1951. Além dos textos publicados nas colunas, como de Drew Pearson, que em novembro de 1950, trouxe ‘A visita de Truman a Mac Arthur’; ‘Lei de Imigração contra amigos’; ‘Cristianismo e Política na Itália’, ‘Ao invés de rublos, armas e munições’. Todos estes textos eram justificados, pois a revista era internacional, principalmente nos países latinos, com ênfase para a Argentina.

Outro exemplo que traz substanciais contribuições para que entendamos o perfil internacional da revista, são as matérias de Theofilo de Andrade, intituladas ‘A bomba atômica russa e sua aplicação industrial’, publicada no dia 14 de novembro de 1953; e a ‘Democracia austríaca’, de 14 de março deste mesmo ano. No entanto, as matérias regionalistas, como ‘Padre Cícero do Juazeiro, um santo para o povo, de Carlos Gaspar na edição de 13 de novembro de 1954, também tinha muito destaque. Neste sentido, podemos afirmar que a Revista *O Cruzeiro* traçava a identidade e a cultura brasileira na época.

Ao longo de toda a década de 50, foram publicados artigos de Gilberto Freyre, como ‘Portugueses, Branquidade e Documento’, da edição de 4 de novembro de 1950; ‘Santos e Raças’, em 11 de novembro deste mesmo ano; ‘Pessoas, coisas e animais’, em 20 de janeiro de 1951, ‘Estudo e improviso’ de 14 de novembro de 1953, ‘Novo livro do francês Verger’, de 13 de novembro de 1954. Nas seções de romance, Rachel de Queiroz publicava semanalmente o folhetim ‘Galo de Ouro’, que lhe conferiu uma premiação. Assim como as romancistas Dinah Silveira de Queiroz, que publicava capítulos de ‘A muralha’ e Lúcia Machado de Almeida, ‘Escaravelho do Diabo’, que foram publicados também em livros.

Como não poderia deixar de ser, a revista *O Cruzeiro* publicava semanalmente reportagens políticas, (como já dito, a partir do ano de 1954, de forma mais intensa), com notícias de bastidores, colunas de notas curtas, referente a ministérios, em diferentes Estados, embora a ênfase era a política nacional. Em grandes momentos da história como o suicídio de Vargas, o breve governo de Café Filho e as eleições que levaram JK ao poder, foram divulgadas por meio de reportagens analíticas, detalhadas, complexas, em páginas bem diagramadas com correlatas e box explicativos, títulos chamativos e subtítulos explicativos, que somavam a fotografias com legendas bastante informativas.

Considerações finais

O desenvolvimento da nossa pesquisa nos permite aquilatarmos o valor e a importância da revista no cenário político nacional brasileiro. Citamos como exemplo a reportagem ‘A morte de Vargas’ de Arlindo Silva e equipe de *O Cruzeiro*, de 4 de setembro de 1954. O texto, acima da foto que ganha toda a página de Vargas no caixão, começa com a frase: “Vargas transpõe o limiar da eternidade” e narra que no dia 24 de agosto, o país foi sacudido e abalado com o suicídio do presidente. Aproximadamente cerca de quatro horas após a reunião ministerial que assentara a forma do licenciamento, o presidente da República renuncia, não ao posto, mas a vida,

(...) com um certo tiro no coração. Esta é a primeira vez na história do Brasil em que um chefe de governo encerra assim, dramaticamente a vida. Fim trágico de um estadista. Vê-se na foto que o presidente, embora de fisionomia abatida, conserva a tranquilidade que sempre o caracterizou. O rosário foi depositado sobre seu corpo pelo Ministro Apolônio Sales, que é católico praticante. O presidente Vargas não tinha crença, mas afirmou ao cardeal Dom Jaime Câmara que pautava sua vida dentro dos princípios cristãos. (O CRUZEIRO, 1954, p. 4).

Nas páginas seguintes, deparamo-nos com uma demonstração do prestígio da revista, em que em sua matéria Arlindo Silva relata que estava no Catete no momento do suicídio e foi ele inclusive que conseguiu falar no Pronto Socorro para enviar socorro. “A ambulância que eu chamara era para socorrê-lo. E não demorou que esta chegasse. Três minutos no máximo”. (O CRUZEIRO, 1954, p. 7). No entanto, logo que o médico desceu, conforme a matéria, já anunciou a morte do presidente. Todos os detalhes foram narrados pelo repórter que estava no momento do fato. “E quem por capricho pediu a ambulância para o presidente, que acabava de suicidar, foi este repórter, que nunca havia transposto os portões do Catete”. (O CRUZEIRO, 1954, p. 7).

Nesta edição, a revista dedicou várias páginas, que continham matérias correlatas, com os seguintes títulos ‘A emoção do povo ante a tragédia’; ‘O povo carioca saiu as ruas para dar o último adeus à mais destacada figura brasileira dos últimos trinta anos’. Como característica da publicação, muitas fotos e legendas, dentre elas, “Na trágica manhã, tão logo a notícia triste acontecimento se espalhou, coroas e flores surgiram nos jardins do Palácio. Homenagem de um povo. (1954, p. 8); “Perto de um milhão de brasileiros tentou desfilar diante do esquife. Cerca de cem mil e conseguiram. Mais de duas mil pessoas desmaiaram ante o impacto emocional, ao verem pela última vez o presidente Vargas”

(1954, p. 9); “os lenços brancas, outrora símbolos do Brigadeiro Eduardo Gomes, acenaram o último adeus do povo ao presidente morto. Melancólico paradoxo” (1954, p. 14).

A primeira parte da reportagem foi encerrada com uma foto da viúva entrando no avião, com a legenda: “A sra Alzira Vargas do Amaral Peixoto só conseguiu alcançar o avião da Cruzeiro do Sul, quando a escada já havia sido retirada, populares alcançaram-na, então, até a porta do aparelho, onde foi recebida pelo Sr. Goulart”, (1954, p. 15). Na edição especial, a última foto, como definiram na legenda, de Getúlio Vargas, na página 111, de perfil, terno e fumando um charuto: “Já em plena efervescência da crise político-militar que haveria de ter um desfecho dramático, o presidente viajou para Minas onde passou dois dias. Fora inauguradas as indústrias Mannesmann”. (1954, p. 111). E outra matéria especial: “Derradeiras horas de Vargas”, assinada por Yedo Mendonça, com o subtítulo: “A dramática reunião do Ministério em que se decidiu a renúncia do presidente – Resistirei até o fim. A carta: a despedida de um homem disposto a lutar”. (1954, p.114).

A revista também deu ampla cobertura ao novo presidente que acabava de assumir, Café Filho, como na página 120, ‘O presidente jornalista’ de Theophilo Andrade, e fotos com integrantes da revista como João Atahyde e Accioly Neto. “Reunindo jornalistas no Palácio das Laranjeiras, pouco depois de sua posse, o presidente Café Filho declarou: ‘Eu sou na presidência da República, um jornalista’. Ele é de fato o primeiro jornalista a chegar ao posto de presidente do Brasil” (1954, p.120).

Nas edições seguintes, notícias importantes e atualizadas sobre a política do país, como a publicada no dia 26 de novembro de 1956, ‘Decisão Histórica’, com o subtítulo: “Como foi destituído o Sr. Carlos Luz – 185 votos pró e 72 contra – Detalhes da histórica sessão – Onde o Sr Flores da Cunha desliga-se da UDN e rompe com o deputado José Agripino – Teor do ofício-comunicação remetido ao Senado” (O CRUZEIRO, 1955, p. 129).

No final da década de 50, a maioria das reportagens políticas estava focada no início da Era JK, como a matéria publicada em 55, ‘Juscelino quer governar com a mão firme’, que segundo o subtítulo os ministros não vão orientar, mas executar a orientação política do governo; ‘Os mineiros sobem ao governo’, em que trazia a notícia dos bastidores políticos antes da posse de JK, na edição do dia 21 de janeiro de 1956. As notícias analíticas, abordavam os arranjos partidários, as alianças, os confrontos de ideias, as interferências políticas na questão financeira do país, dentre outros aspectos, que demonstram o papel da

revista, que não estava alheia, ao cenário nacional e regional e investia nas grandes reportagens.

Por meio da pesquisa observamos a importância de *O Cruzeiro* tanto na história do jornalismo quanto na afirmação de uma tão necessária função social da imprensa junto à sociedade. Afinal, como argumentamos acima, as revistas fazem os registros históricos e o espírito dos tempos. Com bastante pertinência, Vogel (2013) nos lembra que: “são as memórias que a atravessam, as próprias manipulações do tempo que ela documenta” (2003, p. 25). Basta considerarmos que os fortuitos gestos de ao acaso folhearmos uma revista equivale a folhearmos capítulos da história do Brasil. Nesses “passeios” pela história empreendemos em nossa contemporaneidade os olhares críticos e analíticos que os profissionais dos tempos passados não tivessem as condições objetivas e subjetivas para assim procederem. Possivelmente, não pudessem eles, em seus próprios tempos, ter a noção da magnitude das publicações que construíam. Não por acaso, podemos assim concluir: mesmo passados 31 anos de seu fechamento, a revista *O Cruzeiro* continua sendo referência e objeto de estudo de pesquisadores engajados na tarefa de descortinar o lugar e a vez do veículo revista no registro da história viva do nosso país.

Referências bibliográficas:

Fonte Primária

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro. 1950-1959.

Fontes secundárias:

BENETTI, Marcia. Revista e Jornalismo: conceitos e peculiaridades. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. pp. 44-57.

BOFF, Felipe. Muito além do editorial: a revista e suas opiniões. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. pp. 189-202.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NETO, Accioly. **O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1998.

TAVARES, Frederico de Melo B; SCHWAAB, Reges. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. pp. 27-43.

VELASQUEZ, Musa Clara Chavez. **O Cruzeiro**. Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%200%20\(DHBB\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%200%20(DHBB).pdf). Acesso em: 8 mar 2016.

VOGEL, Daisi. **Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre: Penso, 2013. pp 17-26.